

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 251 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 05: Contribuições do Pensamento de Paulo Freire à Educação Profissional

Entrelaçando Vivências: memórias e práticas de uma professora negra da roça

Ana Maria Anunciação da Silva, Aluna especial do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (UNEB). Especialista em Educação do Campo (IF Baiano/Serrinha-BA). Professora da Educação Básica do município de Ichu/BA. Integra o Grupo de Pesquisa Formação, Linguagens, Experiência (FEL/UNEB, campus Coité) e Núcleo de Estudos em Agroecologia- (NEA/IF Baiano Campus Serrinha). annaichu@hotmail.com.
Antônio José de Souza, Doutorando do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) – Universidade Católica do Salvador (UCSal). Professor da Educação Básica do município de Itiúba/BA. Integrante do Laboratório LaPPRuDes - Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (IF Baiano), da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Professor-orientador da primeira autora. tonnysouza@gmail.com.

Palavras-chave: Pensamento de Paulo Freire, Educação Profissional, Educação.

ALGUMAS ADVERTÊNCIAS

Neste relato de experiência, a primeira autora apresenta parte de suas memórias enquanto mulher negra da roça, entrelaçando-as com as vivências e práticas sociais, entendidas como uma teia em construção. Este relato é um constructo baseado e alicerçado no pensamento freiriano. Desse modo, a partir da abordagem (auto)biográfica, a narrativa é apresentada em primeira pessoa, pela autora, explicitando os impasses que vivenciou nos aspectos identitários acerca da cor negra, da classe social e da prática pedagógica na Educação do/no Campo/roça. Trata-se de um texto crítico, problematizador e propositor no sentido de como a escola do/no campo/roça e comunidade podem construir um currículo que entrelace os saberes, fazeres, a história e as identidades dos seus povos. Vale destacar que o mencionado relato é parte de um estudo maior, orientado pelo segundo autor.

PRÓLOGO, MEU CONTEXTO

Sou filha, neta, bisneta e tataraneta de agricultores(as) negros(negras). Aprendi desde cedo, através das vivências afro-sertanejas, a pisar o milho no pilão, domesticar a mandioca, bater o feijão na vara, despalhar o milho, limpar a cacimba, tecer a palha do ariri, buscar a lenha e água na cabeça por caminhos longínquos, fabricar candeeiro, machucador de feijão, cobertor e adobes para fazer um puxadinho na casa; definitivamente, um emaranhado de criatividade, principalmente durante os períodos de estiagem.

Essas vivências corroboraram, de forma significativa, para que eu percebesse a proximidade das minhas raízes ancestrais, atreladas às lutas sociais e ao meu ser/fazer docente em um território que têm especificidades próprias e uma "antropologia ecológica" particular. Essa indissociabilidade coaduna com a fala de Malvezzi, (2007, p. 9), sobre o semiárido brasileiro não ser "[...] apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só.". À vista disso, esse relato traz a perspectiva da minha memória que é "[...] um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade,* individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia." (LE GOOF, 2013, p. 435, grifo nosso).

As minhas identidades estão ligadas às memórias ancestrais e ao viver e sobreviver na caatinga/roça[1], "[...] a partir de uma posição histórica e cultural específica." (HALL, 2014, p. 28). Mas, estão atreladas, também, às minhas travessias por "entre-lugares" (BHABHA, 1988) em convívio com outras pessoas. Por isso, essa escrita tem base fenomenológica, suscita a experiência do ser negra na roça, uma epistemologia das vivências, pois, "[...] diz respeito à própria concepção de fenômeno, do que é percebido. 'Perceber o fenômeno' quer dizer que há um correlato e que a percepção não ocorre no vazio, mas em um estar percebido." (BICUDO, 1994, p. 18). Apresento, além das minhas vivências no campo/roça, o relato de uma das experiências pedagógicas que desenvolvi no Colégio Santo Antonio, localizado na região rural da minha cidade – Ichu – que faz parte do Território do Sisal, estado da Bahia.

[1] A prática da "devolução" eu aprendi com o Projeto CAT (Conhecer, Analisar e Transformar). Trata-se de um projeto do MOC (Movimento de Organização Comunitária), responsável, entre outras coisas, por ministrar cursos de capacitação para docentes do campo/roça. O MOC foi fundado em 1987, possui uma trajetória de luta, autonomia, suas ações estratégicas baseiam-se na luta por direitos, na participação dos sujeitos para a busca de direitos fundamentais.

Trata-se, portanto, de um entrelace entre o "concebido, percebido e vivido" (SOUZA; SOUZA, 2020); nesse sentido, a minha prática docente é atravessada pela reflexão que eu faço do tempo de aluna, na tenra infância, estudando numa escola de classe multisseriada de currículo alheio aos meus contextos e com "[...] sérios inconvenientes referentes à estrutura física, à composição das aulas, marcadas pelo improviso [...]" (SOUZA 2018, p. 93), mas, principalmente, era uma escola multisseriada marcada pelo descaso do Poder Público. Eu fui, enquanto aluna, carregada de "[...] expectativa de novos conhecimentos, mas também o anseio de [...] [enxergar minhas] culturas e identidades acolhidas, dignamente naquele espaço." (SOUZA, 2016, p. 90). No rito de passagem da escola da roça para a escola da cidade eu tive as minhas identidades negra e da roça "revelada/rechaçada". Sofri com os estranhamentos, risos, piadas e apelidos colocados por minhas vestes simples, pelos materiais escolares inferiores e insuficientes e por meu cabelo "duro", "bombril", "vassoura" e "ruim". Foi difícil, ouvir o repertório depreciativo sobre a minha estética negra e o meu ser da roça (SILVA; SOUZA, 2020).

Por consequência, eu compreendo a escola como uma instituição ampla, capaz de manter viva as culturas afro-sertanejas, valorizando o processo educativo que acontece, também, pelas histórias de vidas dos(as) estudantes e seus familiares, repercutindo na memória comunitária. Por isso, busco através dessas vivências, favorecer a articulação dos saberes do povo, onde a escola está inserida, com a proposta curricular para que – de fato – ocorra, através da Educação do/no Campo/roça, a transformação das ausências em presenças (SANTOS, 2002).

A EXPERIÊNCIA NAQUELA CASA DE FARINHA

Eu sou uma professora-pesquisadora-agricultura (a ordem em que as palavras estão dispostas não sugere uma hierarquia) que nunca deixou de viver no campo/roça, cultivando a terra, isto é, vivo na tessitura entre ensino, pesquisa e extensão, esforçando-me para constituir um fazer pedagógico crítico e humanizado, afinal, não vejo outro modo de uma professora negra e da roça exercer sua docência senão a partir de um engajamento político. Assim, envolta nas lembranças, escrevo problematizando o "silêncio" da sociedade e, consequentemente, da escola e rememorando o "esquecimento" histórico, responsável por aleijar as vivências e as culturas afro-sertanejas que se referem à "[...] tudo que caracteriza a existência social [desses povos]." (SANTOS, 1994, p. 24).

Depois desse prólogo, passo a relatar uma experiência que realizei, através de uma aula prática que se desdobrou em um verdadeiro "Caderno da Realidade", pois, a seleção dos conteúdos é também uma ação pedagógica e política, afinal, como nos diz Freire, (2005, p. 45), "[...] tem que ver com: que conteúdos ensinar, a quem, a favor de quê, de quem, contra quê, contra quem, como ensinar.".

Nessa perspectiva, desenvolvi uma sequência didática intitulada: **As potencialidades e os desafios das Casas de Farinha na Comunidade de Barra, município de Ichu/Bahia.** Mas, antes da execução com os(as) alunos(as), eu realizei uma pesquisa exploratória, dialogando e colhendo narrativas dos(as) moradores(as) do lugar, a fim de conhecer o contexto histórico da Comunidade. No levantamento dos dados, observei que as Casas de Farinha daquele território estavam desativadas, quer dizer, existia apenas uma. Tal realidade acontecia (e acontece) por várias razões, mas, fundamentalmente, pela questão agrária, melhor dizendo, pela falta de terra para plantar.

Após o levantamento, estabeleci contato com a proprietária da Casa de Farinha em funcionamento – aqui nomeada – dona Resistência; uma mulher negra que com criatividade e resiliência, tornou-se guardiã da memória de um símbolo importante do campo/roça. Dona Resistência, buscava alternativas para plantar, cultivar, colher, domesticar a mandioca e armazenar os seus derivados, além disso, conservava viva a "lida árdua" que se constitui em conhecimentos genuínos, capazes de unir gerações, transferir legados de práticas e saberes. Refiro-me à "semana da farinhada", permeada pelas noites de luas cheias, pelo divertimento ao som das sanfonas, o aconchego em esteiras de palhas, pela divisão responsável do trabalho, a observância e o cumprimento das tarefas no tempo combinado; pelos almoços coletivos sob as frondosas árvores, pelos "causos", cantigas, adivinhações, lendas, receitas agroecológicas criativas e aquele cheiro bom do beiju recheado com coco, rapadura e enrolado na palha da bananeira.

Foi pensando nas amplas possibilidades do estudo da temática e da sua grande importância no contexto sociocultural e econômico do meu município que eu organizei e apliquei a atividade. Fiz, também, por acreditar que tais conhecimentos não alcançaram os meus(minhas) alunos(as) em função da desativação das Casas de Farinha e por não terem eles(elas), crianças com pouca idade, testemunhado a rotina da "semana da farinhada". À vista disso, reconheço que as ausências provocam o desperdício da experiência (SANTOS, 2002).

Então, achei oportuno começar a atividade pedagógica apresentando aos meus(minhas) alunos(as) os dados da pesquisa exploratória, parte das minhas experiências e memórias resgatadas na Casa de Farinha. O que me fez entender que os demais alunos(as) da escola também deveriam participar da atividade, por isso, apresentei a proposta na escola. As colegas professoras decidiram participar, assim, dirigimo-nos à propriedade da dona Resistência. Durante o trajeto, os(as) estudantes celebravam entre pulos, algazarras e risos o encantamento pelas paisagens de sempre e todo dia: o rio, as flores, plantas, pássaros e borboletas, pois, ainda faziam novas descobertas.

Dona Resistência, esperava-nos no terreiro. Os(as) alunos(as) estavam inquietos(as) e eufóricos(as), porque queiram entrar na "fábrica" de farinha como eles nomearam. Ao adentrar, ficaram encantados(as) com o cenário rústico. A curiosidade foi tanta que eles(elas) fizeram uma verdadeira "sabatina" com dona Resistência. Ali, enquanto perguntavam e ouviam, também, passeavam, contemplavam o espaço; queriam entender tudo, cada função de cada "peça/aviamento/equipamento" construído com barro e/ou madeira pela criatividade ancestral. Foi uma aula memorável, linda, significativa por tudo o que observaram, conheceram, tocaram e escutaram. Em suma, voltaram encantados(as)!

No retorno da aula-passeio – como eles chamaram –, orientei-os(as) a falarem de forma espontânea sobre as percepções que tiveram e do que tinham gostado. Sugeri que fizessem desenhos para apresentá-los no momento seguinte. Para casa solicitei, como atividade, que contassem/falassem/partilhassem os saberes construídos naquela aula com a família e juntos pesquisassem receitas com derivados da mandioca. Na verdade, eu queria que acontecesse uma revisitação às lembranças, mas, agora, no seio familiar.

Felizmente, tive o retorno esperado através das muitas possibilidades de receita. Na continuação da sequência didática, fizemos a apresentação das receitas pesquisadas; escrita e leitura compartilhada e como encaminhamento, se fosse possível, a feitura de uma das receitas que foi pesquisada/estudada, visando expô-la na devolutiva[1] – momento do desfecho da atividade pedagógica – que envolveu toda Comunidade Escolar.

[1] A "roça" é concebida aqui a partir da concepção de Rios (2011, p. 13), tomando-a como uma "[...] ruralidade [...] envolta, principalmente, na semiótica da terra [...]" que, sobremaneira, tem um papel estruturante na constituição das identidades.

No dia da devolução, entre outras presenças, estava dona Resistência que fora convidada para celebrar os resultados da atividade conosco. Nesse dia, eu levei um painel ilustrativo com fotos da aula-passeio-visita e um outro contendo as etapas da domesticação da mandioca, desde a retirada da raiz da terra até o beiju no forno. Para apresentar aos(às) estudantes os produtos que derivam da mandioca montei uma exposição com: o caule, folhas, cascas, raízes, crueira, manipueira, goma, massa fresca, farinha, tapioca e o próprio beiju.

Foi desafiador transportar tais elementos de casa para a escola, mas, era preciso, porque uma das aulas planejadas não aconteceu, justamente a que tinha por objetivo visitar as plantações de mandioca e uma Casa de Farinha em funcionamento – ambas – em uma outra Comunidade do município. Enfatizo que a não realização dessa aula-visita foi por falta da liberação do transporte seguro para o traslado dos(as) alunos(as), muito embora existisse no município um transporte nesse padrão de segurança. Posto isso, vale destacar, afinal, interferiram negativamente no trabalho, as concepções equivocadas por parte de "alguns(as)", afirmando que a aprendizagem ocorre somente na escola, no âmbito da "sala de aula" e que os trabalhos/culturas/identidades do campo/roça não são princípios educativos; nesse sentido, lanço mão do que diz Boaventura de Sousa Santos, (2002, p. 245): "[...] a pobreza da experiência não é expressão de uma carência, mas antes a expressão de uma arrogância de não querer ver e muito menos valorizar a experiência que nos cerca [...].".

Quanto aos(às) estudantes, percebi um desejo de continuação das descobertas. Vários alunos(as) relataram que tinham pedido aos pais para conhecerem uma outra Casa de Farinha. Alguns (Algumas) fizeram essa viagem. Eu recebi o retorno de pais e alunos(as) cheios de contentamento.

À GUISA DE CONCLUSÃO

Como mulher da roça, senti-me instigada a continuar – junto aos meus familiares – cultivando, beneficiando a mandioca de forma agroecológica; isso, significa também cuidar da Casa de Farinha aqui de casa. Como docente, senti-me ainda mais motivada a desenvolver outras sequências didáticas, novas contextualizações, outras investigações acerca do resgate cultural, buscando escrever/guardar memórias afro-sertanejas. Com base nos escritos de Paulo Freire (1996, p. 47) sublinho que "[...] quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto às indagações,

à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto, em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento.".

Assim, continuo na labuta, planejando e propiciando aos(às) estudantes aulas de campo e entrevistas com os mais velhos da Comunidade, convidando os(as) agricultores(as) para o centro da sala de aula – a fim de que possam compartilhar suas vivências, suas práticas. E, por consequência, vou sendo formada na própria experiência de ser e sentir docente numa região semiárida com especificidades tão particulares. Pois, conforme Souza, (2018, p. 35), "[...] a formação acontece a partir da experiência pessoal do sujeito que se entrecruza com as experiências profissionais.". Nessa perspectiva, utilizo metodologias contextualizadas que fazem sentido para mim, para os(as) estudantes, para os seus familiares e para o lugar no qual a escola está inserida. Finalmente, procuro valorizar a "Ecologia de Saberes" (SANTOS, 2002), fomentando os princípios da Educação do Campo, afinal, segundo Caldart (2011, p. 141), quando a escola "[...] se desvincula da realidade [...] ela escolhe ajudar a desenraizar, e a fixar seus educandos num presente sem laços [...], isto quer dizer que, estas pessoas estão perdendo mais uma de suas chances (e quem garante que não a última?).".

Acredito que a minha inquietação com algumas questões, aproxima a minha docência ao legado Freiriano, porque instigar os(as) meus(minhas) alunos(as) a buscarem o conhecimento de si e de suas histórias, passa pelo o ensino além-muros. Tocada pela beleza da diversidade que é própria do nosso campo/roça, busco em Freire, (2003, p. 47), entender que "[...] saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.". Essa motivação pode ser realizada por nós professores(as), compreendendo que trabalhar as vivências é oportunizar a comunicação e emancipação do ser.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a Fenomenologia. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitoria Helena Cunha (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Editora Unimep, 1994. p. 15-22.

CALDART, Roseli. Salete. Educação do campo. *In*: CALDART, Roseli. Salete. *et al.* (org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 259-266.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE. Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão; [*et al*.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MALVEZI, Roberto. **Semiárido**: uma visão holística. Brasília: CONFEA, 2007.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser ou não ser da roça, eis a questão**: identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. Coleção Primeiros Passos. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, outubro de 2002, p. 237-280. Disponível em <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF>. Acesso em 01 set. 2020.

SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Negra da roça: andanças em primeira pessoa. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre - UFMG**, v. 1, n. 11, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/17013>. Acesso em 10 ago. 2020.

SOUZA, Antonio José. **Identidades e cultura afro-brasileira na docência da roca**: documento de referência para a educação básica.2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Jacobina- BA, 2016.

SOUZA, Antonio José de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira**: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas. Curitiba: Editora CRV, 2018.

SOUZA, Antonio José de; SOUZA, Heron Ferreira. **Educação no/do campo**: entre o concebido, percebido, vivido. Curitiba: Editora CRV, 2020.